

RELAÇÕES INTERÉTNICAS E Cisma RELIGIOSO EM UMA COMUNIDADE RURAL NORTEMINEIRA*

Camilo Antônio Silva Lopes**

RESUMO: Neste texto desenvolvi uma leitura do processo de ocupação e territorialização ocorrido na localidade de Santa Rosa de Lima através de símbolos rituais existentes durante a sua Festa, ou seja, as bandeiras dos santos que são elevadas em mastros nas três noites festivas. Por meio desses símbolos é possível trazer à tona narrativas sobre a trajetória vivida por esta comunidade. Em seu desenrolar torna-se perceptível, pela apreensão de conteúdos existentes nestes símbolos rituais, a riqueza de detalhes que informam acontecimentos passados na historicidade dessa sociedade local. São emitidas mensagens clarividentes dos processos de ocupação e territorialização ocorridos na formação desta comunidade do sertão mineiro. Evidencio, também, as relações interétnicas estabelecidas na comunidade bem como os processos de ruptura religiosa ocorrida na década de 1960 que cindiu a comunidade entre católicos e protestante.

PALAVRAS-CHAVE: Territorialização, religiosidade, festa

ABSTRACT: In this text I developed a reading of the occupation process and territorialization happened at the place of Santa Rosa de Lima through existent ritual symbols during his Party, in other words, the saints' flags that are high in masts in the three festival nights. For middle of those symbols it is possible to bring to the surface narratives on the path lived by this community. In yours to uncoil becomes perceptible, for the apprehension of existent contents in these ritual symbols, the wealth of details that inform last events in the historicity of that local society. Clear-sighted messages of the occupation processes and territorialization are emitted happened in this community's of the mining interior formation. I evidence, also, the relationships established interétnicas in the community as well as the processes of religious rupture

KEY-WORDS: Territorialization, religiosity, party

Desvelando os significados Santa Rosa de Lima

A comunidade rural de Santa Rosa de Lima, distrito de Montes Claros – MG está localizada no vale do rio Verde Grande e rodeada por serras. A mesma está sobre o cimo de uma colina que corta a vasta planície do vale.

* Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

** Mestrando em Desenvolvimento Social pela Universidade Estadual de Montes Claros / UNIMONTES.

Para se compreender o processo de ocupação e territorialização da comunidade, faz-se necessário uma descrição sucinta do processo de ocupação do Norte de Minas para chegarmos até a comunidade e posteriormente conhecermos as relações interétnicas que se deram no seio da comunidade e também os conflitos religiosos da década de 1960 que dividiu a comunidade entre católicos e evangélicos.

Estudos evidenciaram que nações indígenas nômades povoaram inicialmente o território que viria a se constituir a região norte de Minas Gerais. Com sua cultura específica, viviam da caça, pesca, coleta e cultivo de algumas espécies vegetais. Com a introdução de africanos como escravos para a implantação da empresa mercantil produtora de açúcar no Brasil e a fuga de muitos deles para o interior da colônia, a área do vale do rio Verde Grande, dada a existência de uma floresta de caatinga arbórea e a existência de milhares de pequenas lagoas em seu interior com a presença endêmica de malária, apresentou-se como um lugar propício para a instituição de pequenas comunidades de escravos fugidos, ou seja, quilombos.

Com a chegada de bandeiras paulistas a partir de 1610 que percorriam o vale do rio São Francisco, inicia-se um processo de aprisionamento de indígenas para serem comercializados como escravos principalmente na Vila de São Paulo e a busca do extermínio dos quilombos. Na década de 1660, uma bandeira anônima capitaneada por Mathias Cardoso de Almeida, começou então a processar ocupação, povoação e territorialização branca do norte de Minas a partir das margens do rio Verde Grande onde fundou o seu primeiro arraial. Com o alagamento da primeira povoação no período das cheias os membros da bandeira deslocaram-se para as margens do rio São Francisco onde foi fundado o primeiro povoado permanente dessa região, o povoado de Morrinhos, hoje município de Matias Cardoso. Se no primeiro momento os membros da bandeira se dedicaram a aprisionar indígenas e buscar exterminar quilombos, no segundo momento, por volta de 1674, quando Mathias Cardoso de Almeida foi a Vila de São Paulo para acompanhar Fernão Dias Paes, este trouxe algum gado vaccum e os membros da bandeira passaram a se dedicar à criação de gado, fundando na região as primeiras fazendas. Com a expansão desta atividade todo o médio São Francisco passou a ser denominado *currais de gado do São Francisco*. Como a margem esquerda pertencia à Capitania de Pernambuco e a margem direita à Capitania da Bahia, estas áreas também passaram a ser chamadas de *Currais de Pernambuco* e *Currais da Bahia*, respectivamente.

Assim, em meados do século XVII, em confrontos com os integrantes destas bandeiras, os indígenas que então habitavam esse território foram mortos, escravizados ou expulsos da

região. Estudando a pequena produção rural na região de Montes Claros, Ribeiro (1987), ao contextualizar o início de formação das propriedades rurais diz que a unidade econômica matriz da formação da civilização do Norte de Minas é a grande fazenda de criação. Instaladas ao longo de rios caudalosos e nas terras férteis da região, as grandes fazendas, desde o início da ocupação regional, se organizaram para a criação de gado bovino (COSTA, 1997). A formação das grandes fazendas deu-se à custa da mão de obra indígena e africana escravizada.

Retomo, aqui, o processo de formação e povoamento da comunidade rural de Santa Rosa de Lima, com as informações coletadas junto a alguns de seus moradores, a partir da atualização da memória coletiva do grupo.

A origem da formação da comunidade de Santa Rosa de Lima se perde nas lembranças da memória coletiva. Em conversas com moradores a fim de obter informações sobre os ancestrais da comunidade, alguns deles relataram-me histórias dos primeiros moradores que habitaram a região de Santa Rosa de Lima. São histórias que se fundamentam em versões transmitidas por antepassados dos informantes que vivem na localidade.

Santa Rosa de Lima foi, assim como outras localidades que compunham a unidade negra da Jahyba, vale do Gurutuba e Verde Grande (COSTA, 1999), um lugar habitado por negros e índios como detido na comunidade de memória. Busco apreender junto a alguns moradores desse povoado o processo de formação e povoamento da região de Santa Rosa de Lima. Assim como afirma esse mesmo autor, encarnando as características do real, a rememoração de fatos e feitos vividos se (re) apresentam como tempo de realização. Numa articulação entre o individual e o coletivo, a memória busca o que parecia esquecido e assume forma de saber, comunhão e lembranças.

É na memória que o homem carrega o seu significado, como afirma Massimi (2000). Mas este significado não é uma invenção, é o sentido do caminho, pois é a memória que registra o sentido do desenvolvimento que é percebido em nosso tempo, ou seja, o tempo presente. É uma grande maturidade ter presente o valor de si mesmo como memória. Aliás, a pessoa nunca tem presente a si mesma, a não ser na memória, a não ser o olhar cordial que não perde de vista o próprio enraizamento no passado, passado do qual unicamente solicita a imagem real e a energia para o futuro.

Num primeiro momento, foi relatado a mim por um grupo de moradores, através da memória coletiva que os primeiros habitantes que povoaram a região vieram da região do vale do Gurutuba. Pelos depoimentos, narrados com um forte viés romântico, foi possível apreender que esses primeiros habitantes da região foram negros que vieram fugidos das fazendas de gado daquela região, como, também, de outras áreas do vale do rio Verde Grande. A partir desses relatos, pode-se perceber que com a lei áurea instituída em 1888 que decretou a abolição da escravidão no Brasil, vários negros ex-escravos que viviam na penúria nessas regiões, migraram para a margem esquerda do rio Verde Grande onde procuraram estabelecer-se, a fim de assegurarem alimentos para si mesmos e suas famílias. Como a região possuía terras férteis e uma fauna rica, pode-se afirmar que esses mesmos negros percorreram as planícies do vale do rio Verde Grande à procura de lugares onde pudessem se proteger das enchentes que eram frequentes às margens do mesmo rio.

Inicialmente a comunidade de Santa Rosa de Lima recebeu os nomes de *Vila do Bengo* e *Barreiro do Bengo*. Os significados destes primeiros nomes informam ter sido o local habitado inicialmente por negros. O nome *Barreiro* evidencia a dedicação da população à criação de gado de forma extensiva, ou como dizem as povoações norte mineira, criado na larga, na solta. Nessa forma de criação de gado não há necessidade de cercas para estabelecer limites territoriais. Dessa forma, assim como a agricultura, o gado sem dúvida era a atividade que os primeiros habitantes encontraram para a subsistência das famílias que ocuparam o local. O nome *Bengo* evidencia que o local era um recôndito, escondido no boqueirão da serra geral e constituído por planícies com a presença de várias lagoas, propícias a sementeiras do capim bengo, utilizada para sustento do gado e também local que acolhia grandes focos de mosquitos transmissores de malária¹. A escolha desses locais era estratégica para os negros, pois sabiam que o homem branco, ou mesmo os antigos donos não iriam aventurar-se, a fim de capturá-los para torná-los novamente escravos.

Ao analisar topograficamente a comunidade de Santa Rosa de Lima, percebe-se que a fundação da mesma foi estratégica, pois, estando erguida sobre uma colina e cercada por planícies, fica evidente que os primeiros habitantes estavam naquele lugar para poderem perceber a aproximação de qualquer pessoa estranha ao grupo ali estabelecido. Desse local elevado podiam avistar ao longe a provável aproximação de fazendeiros ou alguém enviado por eles para capturá-los.

¹ A malária era propícia a essas regiões que sofriam alagamentos constantes, daí o estabelecimento inicial de negros, visto que o homem branco evitava esses locais que eram focos de malária.

A geografia da região em que está localizada a comunidade de Santa Rosa de Lima agrega também um grande número de grutas em suas serras que cercam o vale do rio Verde Grande. Inicialmente os negros ocuparam essas grutas, a fim de se protegerem dos capitães do mato, os caçadores de negros fugidos, do frio e das onças que eram vistas em abundância na região. Ildeu Braúna (1994), ao realizar um trabalho que mistura contos com realidade, sobre a região de Santa Rosa de Lima e outras comunidades existentes nas planícies do vale do rio Verde Grande, apresenta um diálogo de um senhor que em suas histórias aponta a existência desses negros na região de Santa Rosa de Lima. Em sua narrativa:

Diz que nos antigamente, quando aquilo tudo era região livre sem dono, quando só a onça canguçu dominava as serras e boqueirões, um lote de escravos fugido das *Contendas* veio pela garganta do Boqueirão na trilha que demanda a Vista Alegre e se acoitou nas seguranças da serra e no conforto seguro da Lapa Encantada. Era pra mais de quinze negros. Tinha mulheres também. Fizeram ali um quilombo e prosperaram. Conta que eles trouxeram riquezas na fuga da *Contendas*. Riquezas que furtaram das fazendas donde fugiram. Trouxeram mortes nas costas também. Na fuga muitos corpos tombaram de lado a lado. Foi um rastro de sangue que o bando deixou pra traz. Vinham chefiados pelo valente Capemba. Fera de homem. Daquele tipo que nasce pra ser livre ou morto, escravo é que não (BRAÚNA, 1994, p. 31 – Grifos no original).

A região que compõe a comunidade de Santa Rosa de Lima é formada por grandes planícies e por colinas bastante elevadas. Inicialmente os primeiros ocupantes utilizavam as terras das planícies que eram férteis e tinham fácil acesso à água para cultivarem alimentos como milho, feijão e também mandioca, já que eram portadores de técnicas agrícolas que facilitavam o manuseio do solo. Nas colinas estabeleceram moradias a fim de se protegerem das enchentes, e também por ser um local estratégico de onde se podia perceber a chegada de qualquer indivíduo que não fosse membro do grupo ali estabelecido. Existe na comunidade uma grande parcela de população negra, originadas de troncos familiares² negros que há muito tempo se estabeleceram no local³.

Outro evento que nos mostra evidências que a região foi inicialmente habitada por negros é o fato de se festejar durante a festa tradicional dessa comunidade o Bom Jesus, inicialmente cultuado por negros que o elegeram como o seu guia religioso. A tradição de festejá-lo é herança dos primeiros habitantes, pois os mesmos costumavam depositar neste santo toda a sua fé e também a esperança de dias melhores. A fé era um dos instrumentos que os mesmos

² Sobrenome é concebido como um “tronco”, consistindo em conceito nativo que expressa a árvore genealógica que conecta todos os membros descendentes de um antepassado comum (COSTA, 1999:41)

³ Esses troncos familiares não foram possíveis identificá-los pelos moradores, pois segundo eles somente seus ancestrais tiveram conhecimento dos primeiros habitantes, ficando impossível citá-los neste trabalho.

portavam para suportar as penúrias impostas por uma sociedade onde os brancos mandavam e os pretos tinham que obedecer.

Os negros que ocuparam essa região estabeleceram relações entre si, ocuparam a terra que “não tinha dono”, construíram casas, lavraram e fixaram residência definitiva na região e também estabeleceram relações de reciprocidade e solidariedade com outras localidades negras procurando viabilizar a sua reprodução social.

A memória coletiva dos moradores aponta que, após o estabelecimento dos negros na região, e, a partir de meados da década de 1890, vários fazendeiros vieram também da região do vale do Gurutuba atraídos pelas terras férteis e também por ser um lugar de pouca gente. Relatos apontam que esses fazendeiros trouxeram as suas mudanças em carros-de-boi e bruacas e que levaram aproximadamente trinta dias de viagem para cruzarem o vale do rio Verde Grande até se estabelecerem na região. As primeiras fazendas formadas foram destinadas à criação de gado, plantio de cana-de-açúcar e alimentos para o sustento das mesmas. Estas ocupavam todo o espaço constituído pelas planícies de terras férteis e o território foi sendo concentrado nas mãos de poucas famílias, as principais oriundas da região do Gurutuba. Provavelmente com a chegada dos fazendeiros, os mesmos instituíram um processo de domesticação dos negros que ali habitavam, pois em sua maioria eram negros fugidos e não socializados e que deveriam ser “amansados”.

Nessa época o Brasil vivia o período oligárquico (1890-1930), onde predominava o domínio dos fazendeiros então chamados de coronéis e na região era por meio deles que o Estado se fazia presente. Estes fazendeiros demonstravam o seu poder por seu vínculo ao governo estadual e manutenção de uma milícia particular, os chamados jagunços. Como afirma Costa (1997), as ações destes “representantes políticos” se estendiam a ponto de substituir o Estado e assumir, ele próprio, o seu papel para com as camadas inferiores da sociedade. Através de trocas de favores os mais pobres recorriam aos coronéis e fazendeiros buscando solucionar a mais variada gama de necessidades pessoais ou da parentela. Assim, o coronel constituiu-se o mediador entre o Estado e os membros das camadas subalternas, ao mesmo tempo em que era o próprio Estado na localidade sob o seu jugo.

Durante esse período foi que se constituiu a grande propriedade na região, pois se aproveitando do não aparelhamento do Estado, vários fazendeiros estabeleciam limites para suas propriedades de forma tão ampla que como se pode ouvir nas rodas de conversas “dá medo de ver”, ou “era terra a perder de vista”.

Hodiernamente, a população local em sua maioria é descendente de famílias negras que inicialmente ocuparam a região. As grandes propriedades com o passar dos anos foram fragmentando-se restando poucos latifúndios e seus proprietários ainda exercem uma forte influência sobre as camadas inferiores que habitam a comunidade, oferecendo empregos e prestando alguma assistência social às famílias. Dessas grandes propriedades, com seus desmembramentos ou por herança ou por venda de seus herdeiros, se constituíram como pequenas e médias propriedades pertencentes a famílias locais que retiram delas a subsistência de suas famílias, vendendo à comunidade ou outros centros o excedente de sua produção.

Ademais, Santa Rosa de Lima, como outras comunidades do sertão mineiro sobreviveu ao tempo de penúria que os ancestrais passaram, sobreviveram ao mandonismo dos coronéis, à grande propriedade e também as intempéries da natureza que algumas vezes teimava em castigar a região principalmente a seca, e hoje se vivencia, um período de luta centrado no trabalho para subsistência.

O contexto religioso de Santa Rosa de Lima

A vida religiosa em Santa Rosa de Lima como qualquer comunidade rural brasileira viveu desde sua fundação até meados do século XX sob a égide do catolicismo popular, com a frequência de sacerdotes apenas em momentos de desobriga⁴ ou realização de missões. Conta-se que o primeiro templo foi construído em 1902 e a primeira missa foi celebrada na primeira festa em 1904, pelo padre Augusto Vieira. As atividades pastorais iniciaram-se com bastante fervor em 1948, com o padre da Ordem Premonstratense Marcos Van In, então administrador da Paróquia de Nossa Senhora e São José. Em suas ações pastorais realizou com o apoio da comunidade a construção do primeiro cemitério e em 1950 coordenou a reconstrução da igreja local. Em 1961, o pároco da Matriz de Montes Claros, padre Hermano José Ferreira, conhecido como padre Dudu, propôs mais uma reconstrução da igreja e com o apoio da comunidade coordenou a derrubada do velho templo construído de adobe e telha comum e iniciou a construção do atual templo.

Em seus estudos sobre o distrito de Santa Rosa de Lima, Evaldo A. Soares (2002) informa que a capela da comunidade desmembrou-se em 1982 da paróquia de Nossa Senhora e São

⁴ No Aurélio, desobriga significa quitação de uma conta. No sentido religioso, a visita periódica feita a regiões desprovidas de clero por padres, com o fim de desobrigar, ou seja, quitar uma conta dos fiéis. Essa conta quitada diz respeito, sobretudo, ao não acesso aos sacramentos e não ao aspecto econômico, que também ocorria, pois os padres recebiam dinheiro para realizarem a desabriga.

José e passou a pertencer à paróquia São Norberto em Montes Claros quando ocorreu uma nova organização territorial das paróquias deste município devido à implantação de várias paróquias na cidade que desde 1960 teve um crescimento populacional intenso.

Até meados do Século XX, conforme Soares (2002), a festa da comunidade não era integrada e os três santos eram festejados cada um no dia consagrado a eles pela Igreja Católica. Bom Jesus em 06 de agosto, Santo Antônio em 13 de junho e Santa Rosa de Lima em 25 de agosto. Há uma argumentação de que a junção das festas em uma se deve às dificuldades no transporte e a falta de estradas para os padres virem à comunidade em cada uma das festas. Mas as informações que são possíveis de se recolher sobre a presença de padres na vida rural brasileira evidenciam que os mesmos só visitavam comunidades para a desobriga que podiam ocorrer sem tempo determinado ou a realização de missões, quando padres redentoristas percorriam as principais povoações de uma diocese, a pedido do Bispo local. Tanto as desobrigas quanto as missões não possuíam um ciclo temporal, elas ocorriam em momentos eventuais definidos pelo bispado.

Como disse anteriormente ao discutir as bandeiras como símbolos rituais do processo de ocupação e territorialização em Santa Rosa de Lima, a junção das três festas pode estar vinculado à questão das dificuldades de acesso à localidade, mas também à ação pastoral da diocese de Montes Claros para deter o domínio paroquial sobre a religiosidade da população. A estrada que hoje permite que veículos motorizados cheguem à sede do distrito só foi construída em fins dos anos 1960. Até esse período a única possibilidade de se chegar até a comunidade era em lombo de animais que deveriam descer serras íngremes, já que a entrada no território da comunidade pelo vale do rio Verde Grande ainda encontrava-se coberta por densa floresta de caatinga arbórea. Quanto à ação pastoral para deter o domínio da religiosidade da população pode ser a outra explicação da junção das festas dos três santos. Em Montes Claros, Costa (1997) estudando as festas de agosto desta localidade informa ação semelhante quando o Bispo local determinou a junção das festas do Divino que era realizada em maio, a de São Benedito que era realizada em outubro e a de Nossa Senhora do Rosário que era e é realizada em agosto. Num primeiro momento tentou-se juntar duas festas com a festa do Divino, mas os catopês não aceitaram e, então, as três festas passaram a ocorrer no mês de agosto durante a realização das andanças dos catopês para homenagearem a Nossa Senhora do Rosário. Creio que o princípio que norteou a junção destas três festas na cidade de Montes Claros pode ser a causa da junção das três festas em Santa Rosa de Lima.

A partir da leitura realizada através da festa local, é possível compreender que com a penetração dos evangélicos no interior do país, no final da década de 1960, evangélicos brancos chegaram à comunidade e travaram lutas violentas pelo domínio religioso com os católicos, estabelecendo um cisma religioso que proporcionou uma ruptura violenta nas relações sociais, econômicas e culturais da comunidade.

A introdução do evangelismo em Santa Rosa de Lima teve início no final da década de 1960, no período em que os padres Armando Derick, vigário local, e o pároco padre Dudu que administrava a paróquia de Nossa Senhora e São José. José Gonçalves de Freitas, conhecido como Déo instalou processualmente a Igreja Evangélica do Movimento Livre na comunidade. A emergência de uma nova religião no seio de uma comunidade católica gerou desentendimentos entre a população.

José Gonçalves de Freitas residente em Francisco Sá, assumindo a missão de acrescentar ovelhas ao rebanho de Cristo por meio do evangelismo, transferiu residência para o povoado de Santa Rosa de Lima com o intuito de converter católicos e criar uma pequena assembléia de fiéis. Em sua jornada para cumprir a missão assumida, Déo por diversas vezes foi à comunidade e se fez conhecido das pessoas, sem, contudo, falar *“de religião. Ele aparecia nos finais de semana, trazia consigo um rádio de pilha ou um gravador, conversava com todos. Fizera amizades, mas nunca falaram em Deus ou Satanás, e ninguém sabia que ele era pastor”* (COSTA, 1969, p. 42). Depois de muitas visitas e de se fazer conhecido, conforme a cordelista santa-rosense, Déo *“vindo de Francisco Sá, pois lá ele não achava uma noiva pra casar, em casa de Joaquim Ribeiro sua sina foi encontrar. Depois que entrou na família, esta toda convenceu. Eram todos do apostolado por ordem que o padre deu, jogaram as fitas no lixo dizendo “isto é do judeu”* (SOARES, 2002, p. 32). O missionário, em um determinado dia, compreendendo que já era possível anunciar publicamente o caminho a Deus que seguia trouxe consigo um grupo de membros da mesma congregação. Na narração do repórter da Revista *O Cruzeiro*,

um dia chegou ali um caminhão com umas trinta pessoas e parou na pracinha, bem defronte à igreja. Dos seus ocupantes, só José Gonçalves de Freitas, o Déo, era já conhecido do povo de Santa Rosa, onde normalmente aparecia uma vez ou outra. Sob as ordens desse moço, os homens que estavam na carroceria do veículo fizeram uma coisa que assombrou os habitantes locais. Abriam bíblias e começaram a rezar, cantar hinos e ouvir a voz de Deus, transmitida por Déo, que combatia o fumo, as bebidas e as mini-saia. Homens, mulheres e crianças foram chamados ao protestantismo e a salvação da vida eterna. Quem não aderisse ia conhecer o fogo do inferno (COSTA, 1969, p. 42).

Aquele grupo de pessoas falava de uma religiosidade diferenciada, em que não havia adoração de imagens de barro, motivo principal da condenação dos católicos ao fogo eterno do inferno. Continuando sua narrativa Costa (1969), informa que

até aquela tarde, todo mundo era católico em Santa Rosa. Mas, quando a pregação terminou e o caminhão desapareceu na curva do caminho, em direção a Francisco de Sá, onde residem os protestantes que o ocupavam, atrás ficaram muitas criaturas impressionadas com as promessas dos crentes (COSTA, 1969, p. 42).

Depois desta enunciação pública de uma outra religião,

por muitas e muitas vezes, os pregadores voltaram sempre na carroceria do mesmo caminhão, com o Déo à frente. E os adeptos foram conquistados para nova seita que a essa altura já se sabia ser da “Igreja restauração do Movimento Livre”, que tem sede em São Paulo e é dirigida pelo pastor sueco Eric Aldo Peterson. Depois de conseguir cerca de trinta convertidos em Santa Rosa, os crentes desceram do caminhão e começaram a fazer as pregações nas casas dos novos membros (COSTA, 1969, p. 42).

O crescimento dos adeptos à religião pregada por Déo e seus seguidores foi instaurando, aos poucos, uma ruptura na relação entre os membros da comunidade que passaram a se hostilizar uns aos outros. Como a pregação dos evangélicos é sistematicamente insistente, nunca desistindo de converter a pessoa que lhe permite estabelecer conversação, começaram a aparecer casos de maridos e mulheres brigando entre si porque elas queriam tornar-se evangélicas e eles não aceitavam a nova religião. Na reportagem d’*O Cruzeiro*, Costa (1969, p. 42) informa que “*A mesma coisa aconteceu entre pais e filhos, entre irmãos, namorados e noivos. Nenhuma das partes tolerava conviver com a outra*”.

O aprofundamento da ruptura entre os membros da comunidade estava baseado em um etnocentrismo religioso, já que para cada um dos lados o Deus verdadeiro estava de seu lado, enquanto o Diabo se encontrava no lado oposto. Durante os cultos evangélicos, diversas pessoas cercavam o barracão que servia de templo e jogavam pedras no telhado enquanto os fiéis lá dentro oravam. Cada vez mais o clima foi ficando mais tenso, além de se acusarem em qualquer lugar por qualquer ação, a partir de um determinado momento começaram as agressões pessoais. Isto se agravou quando os evangélicos decidiram construir o seu templo. A aquisição de um terreno para a construção do mesmo foi o estopim que acendeu, ainda mais, a ira dos católicos que capitaneados por João de Moura – este se sentiu agredido em sua propriedade porque julgava que o terreno cercado pelos evangélicos lhe pertencia - e “*agora havia uma homem comandando de cada lado, e as coisas ficavam cada vez mais pior*” (COSTA, 1969, p.42).

Voltemos à narração dos fatos descritos na reportagem de circulação nacional da época. Não conversei diretamente com os envolvidos temendo reacender as tensões, porque ninguém gosta de falar sobre o assunto e se enervam quando perguntados. Compreendo que, se durante a realização da Festa quando imagens de papel com desenhos de homens são elevadas aos céus, saísse perguntando às pessoas que viveram esse momento sobre o acontecido e o enervamento de cada uma delas quando questionadas, poderia amplificar a tensão. Por isso recorro à reportagem d'*O Cruzeiro* e ao cordel. Na reportagem publicada o repórter informou que

o extremismo religioso foi se avolumando. A professora Beatriz Soares ficou só com quatro alunos, depois que passou a ser protestante. Os pais católicos proibiram os filhos de assistirem às aulas. Os donos de armazém só vendiam a dinheiro a quem era do outro lado. Um protestante tentou converter a mulher de seu irmão e foi ameaçado de morte. O pastor levou de um católico um tapa no rosto e não reagiu. Maria de Lourdes Gonçalves, uma jovem católica, desfez o noivado com o jovem Antônio Osmar da Paz que se tornara protestante e queria convertê-la também. Aí então a guerra das pedras: os protestantes preparavam uma cerimônia no rio, para batizar seus novos fiéis, mas os católicos ficaram sabendo e, na hora exata, apareceram jogando pedra no pastor e exigindo que eles fossem embora para sempre. João de Moura, o líder dos católicos, atirara a primeira pedra (COSTA, 1969, p.42).

Novos atritos e conflitos violentos se seguiram ao apedrejamento durante o batismo no curso d'água existente nas fraldas da colina em que se situa o povoado de Santa Rosa de Lima, e ganharam repercussão nacional que ficaram conhecidos como “a guerra santa”. Depois do apedrejamento os católicos rebelados perseguiram os evangélicos com pedradas, bombas e varas de cipó.

Diante disto, o missionário Déo, deslocou-se até Belo Horizonte para prestar queixa contra os agressores no Departamento da Ordem Política e Social. A partir dessa denúncia, o DOPS deslocou uma equipe para investigação dos acontecimentos em Santa Rosa de Lima. A atuação dos agentes do DOPS na localidade primou-se pela brutalidade, truculência feita contra os católicos devido aos atos de tortura, tais como, fazer uma pessoa carregar uma lata de cinquenta litros com água desde o curso de água na fralda da colina até o seu topo, colocar assentado em uma cadeira no centro da praça desde o nascer até o por do sol um senhor que se recusava a relatar os fatos acontecidos, além de tapas e espancamentos com cacetetes.

O assunto da época em Santa Rosa de Lima era somente a guerra entre crentes e católicos. Por vários lugares que passavam, ouvia-se algum tipo de comentário sobre o tema. Uma senhora católica insatisfeita com a “invasão” protestante e como forma de reagir contra os estranhos tratou de retratar cordelisticamente em versos satirizados todo o seu descontentamento e

também a sua revolta com o movimento protestante e principalmente com moradores da comunidade que aderiram à moda protestantista, a qual ela considerava um atentado à ordem da comunidade⁵.

Marcas doloridas, sentimentos feridos e cristalização de posições foi o resultado da guerra santa vivida na localidade. Mas com o encerramento dos confrontos religiosos, o tempo se encarregou de favorecer a convivência das diferenças religiosas no seio desta comunidade sertaneja. Hodiernamente, as duas tendências religiosas, católicos e protestantes, convivem pacificamente e compartilham uma boa vivência dentro da comunidade. Com o fim dos embates, a partir de 1973 novas igrejas protestantes se instalaram em Santa Rosa de Lima. Hoje se encontram presentes na comunidade quatro igrejas protestantes, a Assembléia de Deus, o Avivamento Bíblico, a Deus é Amor e a Congregação Cristã do Brasil.

Durante a Festa da comunidade, mesmo ela sendo uma festa católica, a presença dos evangélicos é vista com naturalidade pela comunidade que a realiza e os mesmos também participam de diversos eventos festivos. Muitos evangélicos festejam à sua maneira, sem os exageros que alguns festejantes católicos realizam. Eles participam distanciados, principalmente dos ritos católicos realizados em vias públicas. É possível vê-los acompanhando com os olhos a procissão da velas que levam a bandeira do santo do dia da casa do festeiro até à praça que é circundada por três vezes. E, também, o levantamento do mastro e ao final da tarde do dia seguinte a procissão que conduz o santo celebrado pelas ruas do pequeno povoado. Nos eventos profanos é possível vê-los dançando forró durante toda a noite, comendo biscoitos na alvorada de cada manhã e, ainda, vendendo coisas em diversas barracas colocadas nas ruas que circundam o templo católico.

A participação dos mesmos permite afirmar que o evento realizado a cada mês de julho em Santa Rosa de Lima é, sobretudo, um ato de sociedade ritualizado socialmente em que a coletividade se festeja. Baseado em Dürkheim (1996) posso afirmar que a sacralidade deste momento festivo pra toda a coletividade se vincula à sociedade e não à religião propriamente dita e, por isso, a efervescência coletiva vivida durante os três dias de Festa. A sociedade local utiliza as festas dos três santos realizadas por uma categoria social existente em seu interior para celebrar-se a si mesma. Assim, as clivagens religiosas que recortam a comunidade local são suspensas temporariamente em benefício da totalidade social que esta comunidade é.

⁵ A totalidade dos versos da cordelista Maria Helena Soares pode ser encontrada em Soares (2002). Na página 09 deste artigo transcrevo parte de seus versos.

Voltemos aos significados das bandeiras erguidas em mastros nos três dias da Festa da comunidade. Porque fazer isto: Darnton (1986), afirma que os antropólogos em suas pesquisas descobriram que as melhores vias de acesso, numa tentativa para penetrar em uma cultura estranha, podem ser aquelas em que ela aparece mais opaca. Quando se percebe que não está se entendendo alguma coisa – uma piada, um provérbio, uma cerimônia particularmente significativa para os nativos, existe a possibilidade de se descobrir onde captar um sistema estranho de significação, e poder decifrá-lo.

Na Antropologia, as bandeiras erguidas nos mastros durante a Festa podem ser vistas como símbolos que comunicam muita coisa sobre a comunidade que as festejam. Turner (1994) informa que os símbolos fazem coisas e, com isto, transformam situações, estados e pessoas, já que estão essencialmente envolvidos com o processo social, produzem ação e tendem a se tornar focos de interação. Daí a sua importância em pesquisas antropológicas.

A partir da análise desses símbolos, as bandeiras, percorro um caminho no qual compreendo a unidade dessa comunidade a partir da sua principal festividade.

A festa de Santa Rosa de Lima nos dias atuais se concentra nos festejos de três santos da Igreja Católica. O Bom Jesus, Santo Antônio e Santa Rosa. Para ler a história de Santa Rosa de Lima faço uma articulação entre o saber transmitido oralmente por seus moradores e uma interpretação antropológica alicerçada em teorias já estabelecidas, como a teoria de sociedade elaborada por Durkheim (1996) e a teoria de rituais elaborada por Turner (1994).

Nos primeiros tempos da fundação da comunidade festejava-se apenas o Bom Jesus. A memória coletiva da comunidade nos induz a crer que inicialmente ele era festejado pelos negros moradores da região. Isso significa que ao levantar o mastro com a bandeira do Bom Jesus, a comunidade está cultuando também os seus ancestrais, pois foram eles que inicialmente inventaram a festa para poderem exprimir a sua fé em Bom Jesus. Isto, segundo os moradores da comunidade ocorreu durante as primeiras décadas do século XX, quando os fazendeiros da região instituíram também a festa de Santo Antônio.

Analisando as mensagens emitidas pela memória coletiva da comunidade, existem indícios que os grandes proprietários de terra da região estabeleceram na festa de Santo Antônio o momento onde podiam agradecer ao santo as graças conseguidas na lavoura pelas boas colheitas. Dessa forma, é possível identificar que a festa de Santo Antônio inicialmente era a festa dos brancos, a festa onde a sociedade dominante constituída por grandes proprietários de

terras promovia seus encontros. A de Santo Antônio informa, assim, a consolidação de uma categoria que se julgava superior aos negros pelo fato de serem portadores de uma confortável situação financeira e também por serem brancos. Na hierarquia social brasileira, nesse período oligárquico ou não, a raça negra vive marginalizada, ou seja, é colocada num patamar muito inferior aos brancos. E no caso da comunidade que estudo, restaram aos negros somente o trabalho manual e a submissão aos grandes latifundiários.

O motivo dos grandes proprietários de terras festejarem o Santo Antônio se justifica pelo fato de o mesmo ser um santo branco e considerado o santo da fartura. Nos dias atuais, na festa de Santo Antônio, são distribuídos pães com carne para os festejadores, propiciando analisar que os fazendeiros colocam-se no lugar do santo e distribuem fartura para a coletividade. Assim, a festa de Santo Antônio em Santa Rosa de Lima atravessou o tempo de domínio dos brancos para somente no decorrer do século XX se popularizar na comunidade ao ser agregada às festas dos outros santos já que a mesma envolve todas as camadas da sociedade local.

As festas de Santo Antônio e de Bom Jesus eram celebradas sempre em datas diferentes, cada uma vinculada a um grupo social existente na comunidade, havendo, assim, segregação entre os grupos. Bom Jesus era o santo dos negros e o santo Antônio era o santo dos homens brancos. A união das festas em uma só ocorreu por imposição da Igreja Católica. Há a possibilidade de se entender esta ação da igreja em duas vias: a primeira se vincula às dificuldades encontradas pelos padres para irem à região, pois não existiam estradas, existiam somente “picadas” abertas na mata que possibilitavam a passagem de homens somente montados em lombos de animais. A segunda possibilidade de entendimento se vincula à instalação da Diocese de Montes Claros e o domínio do campo religioso pela hierarquia eclesiástica. Durante muito tempo a região nortemineira foi pouco assistida por sacerdotes e a população regional desenvolveu o catolicismo popular tendo seus próprios agentes do sagrado. Nesse momento inicial de instalação da Diocese houve em todas as localidades, inclusive na própria cidade de Montes Claros a união das várias festas populares em uma única festa. Por meio dessa ação a hierarquia eclesial buscava deter o domínio sobre a ação religiosa. O catolicismo popular é um dos instrumentos que o homem do mundo rural encontra para superar as dificuldades encontradas no seu dia-a-dia em sua relação com o mundo celestial, mas, também, com o mundo dos homens.

Como vimos, durante muito tempo na comunidade festejou-se apenas dois santos, o Bom Jesus e Santo Antônio. Somente na metade do século XX é que se criou a festa em homenagem a Santa Rosa.

A festa de Santa Rosa somente foi anexada ao calendário local a partir da década de 1940, quando chegou à região o fazendeiro Felinto José Pereira, alcunhado de Filó, vindo também da região do vale do Gurutuba. O mesmo estabeleceu fazenda na região com o nome de Fazenda Santa Rosa sendo sua localização à beira da então Vila do Barreiro e sendo muito jovem, começou a tocar a sua fazenda com criação de gado e plantio de lavouras de subsistência.

A esposa desse fazendeiro, devota de Santa Rosa, realizou uma viagem à Lima, capital do Peru e em seu regresso trouxe uma imagem da santa, deixando-a guardada em sua fazenda. Como a Vila do Barreiro começou a apresentar traços de desenvolvimento, o fazendeiro Filó solicitou ao então prefeito de Montes Claros naquela época o Sr. Alpheu de Quadros que mudasse o nome do vilarejo para Santa Rosa de Lima. Esse foi o motivo para a mudança da denominação da Vila do Barreiro para Santa Rosa de Lima.

Com a criação do distrito de Santa Rosa de Lima em 1944, viu-se necessário festejar também a Santa Rosa e a festa da comunidade passou a ser festejada, com três santos, o Bom Jesus, o Santo Antônio e a Santa Rosa de Lima. Na segunda metade do século XX a Festa ganhou expressão regional, pois se popularizou entre os moradores da região e começou a receber um maior número de festejadores e devotos que viam na Festa o momento ideal para o cumprimento das promessas feitas aos santos católicos. Se lermos esta junção das três festas em uma única e a denominação que a mesma passou a ter com a teoria da hierarquia construída por Dumont (1992), podemos afirmar que o último santo, que passou a ser festejado na localidade, por seu vínculo com os fazendeiros mais abastados que se colocaram como representantes locais junto ao poder político municipal englobando os outros dois. Nesse processo o contrário está contido no englobante, mas não se reduz a ele, como pode ser visível durante a Festa com os mastros e aqui procurei desvelar os significados contidos nas bandeiras dos santos festejados. Retorno a esta discussão a seguir.

O poder de aglomeração e coesão social da Festa pode ser medido pela dimensão que a mesma recebeu no decorrer dos anos. Vários são os motivos que levam os santa-rosenses a realizarem e a participarem da festa tradicional da comunidade. Ela se apresenta como um momento importante para realizar o batizado de uma criança, um casamento entre pessoas da

região e também de fora, para efetivar o pagamento de promessa a uma graça recebida e reforçar os laços religiosos e, por fim, para se ganhar algum dinheiro, montando algum negócio que renda algum lucro.

As três festas carregam em si a sua importância, o seu valor, o seu poder de reunir pessoas, de proporcionarem importantes momentos de diversão e também de solidariedade, mas a festa de Santa Rosa realizada no sábado, com o passar do tempo foi ganhando espaço e se sobrepondo às outras. Tal situação pode ser melhor interpretada a partir da elaboração da teoria de hierarquia desenvolvida pelo Antropólogo francês Louis Dumont (1992, p.370). Para esse autor, embora *“a hierarquia não seja essencialmente uma cadeia de ordens superpostas, ou mesmo de seres de dignidade decrescente, nem uma árvore taxonômica, mas uma relação a qual se pode chamar sucintamente de englobamento do contrário”*. Desse modo, embora as outras festas possuam o seu valor e sua importância, como foi descrito anteriormente, a festa de Santa Rosa englobou as outras. Fundamentado nesse teórico posso afirmar que há duas festas de Santa Rosa de Lima. Para ele, na oposição hierárquica, ou seja, na oposição entre um conjunto e um elemento desse conjunto, a análise se dá *“logicamente em dois aspectos parciais contraditórios: de uma parte, o elemento é idêntico ao conjunto na medida em que faz parte deste; de outra, existe uma diferença ou, mais estritamente, uma contrariedade”* (DUMONT, 1993, p.228). Lendo a festa de Santa Rosa a partir daí: há três santos que são festejados, cada um em um dia, para a população em geral a festa é denominada Festa de Santa Rosa de Lima, mas aqui não se refere à santa propriamente dita, mas ao povoado, sede do Distrito. Ao se inserir no contexto da Festa descobre-se que há uma santa, propriamente, comemorada na Festa do distrito e que é Santa Rosa de Lima. Como disse anteriormente, há duas festas de Santa Rosa de Lima e o englobamento do contrário me permite assim ler e afirmar.

As mudanças que ocorreram na vida social da comunidade com a migração de muitos habitantes para a cidade de Montes Claros e para outras cidades, têm propiciado que a festa de Santa Rosa de Lima venha ganhando importância, embora os festejadores que retornam ao povoado no mês de julho de cada ano venham para celebrar a Festa de Santa Rosa de Lima. Esse imbricamento de festas permite que a festa do sábado traga para si toda a grandeza que a comunidade deposita na Festa por ser realizada no sábado e agregar um maior número de pessoas, por ser o dia que todos podem se reunir. E essa importância é manuseada pelos festeiros da santa que elevam o maior mastro da festa e enunciam simbolicamente o seu domínio econômico e político sobre as outras populações que vivem na comunidade,

especialmente os descendentes dos quilombolas e dos primeiros fazendeiros que penetraram no boqueirão e transformaram a Vila do Bengo na Vila do Barreiro do Bengo.

Desse modo, a própria comunidade exalta a grandeza da Festa de Santa Rosa de Lima, pois por meio dela se exalta a si mesma festejando os diversos grupos sociais que compõem a coletividade e que são simbolizados nos santos Bom Jesus, Santo Antônio e Santa Rosa de Lima.

A guisa da conclusão, este artigo tentou mostrar os processos ocorridos no seio de uma comunidade rural sertaneja que se estruturou inicialmente em torno das relações da população negra que fundou a localidade e posteriormente com os brancos que lá chegaram bem como os conflitos que se originaram em volta da religiosidade local.

Portanto, a comunidade que se viu cindida em meados dos anos 1960 devido ao etnocentrismo religioso nos quais católicos e evangélicos se digladiavam em nome de Deus, provocou marcas indeléveis em algumas famílias que se viram no centro do conflito bem como nas relações que norteavam a vida em sociedade. Hodiernamente, as duas religiosidades convivem harmoniosamente. Essa harmonia é vista principalmente na festa local, um momento extraordinário onde a comunidade festeja a si mesma não permitindo a abertura de espaços para conflitos superados e que hoje existem somente na memória da comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAÚNA, Ildeu. *Catrumano*. Belo Horizonte: Cutiara, 1994.

COSTA, João Batista de Almeida. *Do tempo da fartura dos crioulos ao tempo de penúria dos morenos. Identidade através de rito em Brejo dos Crioulos (MG)*. CAP: II Brasília: Universidade de Brasília, 1999 (Dissertação de mestrado) 223 páginas.

_____ Cultura sertaneja: a conjugação de lógicas diferenciadas. In:

SANTOS, Gilmar Ribeiro dos. (Org). *Trabalho, Cultura e Sociedade no Norte / Noroeste de Minas*. Considerações a partir das Ciências Sociais. Montes Claros: Best, 1997

COSTA, Robson. ALVARENGA, Tales. *A fé que desune: Em Santa Rosa, a religião separou casais e amigos*. Revista O Cruzeiro. São Paulo: 104/04/1969 - sem número de edição.

DARNTON, Robert. *O Grande Massacre de Gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Tradução de Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DUMONT, Louis. *Homo Hierarchicus*. O Sistema de Castas e suas implicações. São Paulo: Edusp, 1992.

_____. *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

DURKHEIM, Emile – *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. O Sistema Totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MASSIMI, Marina. Matrizes de pensamento em psicologia social na América Latina: história e perspectivas. In: CAMPOS, R.H de Freitas. GUARESCHI, Pedrinho A. (Orgs). *Paradigmas em Psicologia Social*. A perspectiva Latino-Americana. Petrópolis: Vozes, 2000.

RIBEIRO, A.E. et alii. *A pequena produção rural na região de Montes Claros*. Montes Claros: CTA, 1987.

SANTOS, Gilmar Ribeiro dos. (Org). *Trabalho, Cultura e Sociedade no Norte / Noroeste de Minas*. Considerações a partir das Ciências Sociais. Montes Claros: Best, 1997.

SOARES, Evaldo A. *Santa Rosa de Lima do meu sonho*. Montes Claros: Ed do autor, 2002.

TURNER, Victor W. *The forest of Symbols: Aspects os Ndembu Ritual*. Ithaca: Cornell University press, 1994.